

Manoel Vilela de Magalhães

A primeira sessão legislativa em Brasília


O clima festivo de inauguração da nova Capital chegara ao final, na cidade semi-pronta, com a poeira ainda sem assentar. Poeira e vento. À época, quando vinha o vento, a poeira subia pelas alturas. A população local, os que já estavam em Brasília, que era Goiás, davam a isso o nome de *Saci*, que, na verdade, é o nosso conhecido redemoinho. Redemoinhava firme, parecendo que iria destruir tudo ou, ao menos, erguendo nos ares papeis e folhas secas.

Muitas obras por acabar na cidade nova, que diziam não ter esquinas. Mas como as há! Ministérios da Esplanada prontos, apenas alguns. O prédio do Congresso Nacional, sim, estava completo, mas ainda tinha problemas de estrutura, poucos telefones e certa precariedade na sinalização interna. Meio labiríntico, mas com esquinas a cada centena de passos. Para encanto dos servidores, parecia um sonho o funcionamento da Câmara dos Deputados e do Senado Federal num mesmo prédio, tendo como divisa a cor do tapete: verde na Câmara, azul no Senado.

A administração preocupava-se com questões de logística. Numa cidade sem transporte coletivo, o problema era encontrar meio prático para levar os funcionários, de seus apartamentos, na Asa Sul ou no Cruzeiro, para a Praça dos Três Poderes. O Senado optara por uma pequena frota de microônibus e isso equivalia a ganhar a *sorte grande*: não tão altos, cabiam na entrada principal, que dava para a *chapelaria*, como era chamado (até hoje!) aquele posto, atualmente destinado a triagem eletrônica de acesso à Casa. A Câmara ficara a ver navios ou, melhor, ônibus. Um deles, grandalhão, engastalhou no teto ao tentar chegar à porta de entrada, diante do Salão Branco. A alternativa foi estacionar os ônibus ao lado da rampa.

A Sessão Solene do Congresso Nacional (sessão conjunta) realizou-se no dia 21 de abril, a data da inauguração de Brasília. Depois, ainda em abril, foi a vez da primeira sessão ordinária do Senado.

Não sei como era a rotina legislativa no Rio. Eu vinha de São Paulo e lá eram reduzidíssimas as informa-



A imprensa - nacional e estrangeira - registrou as cerimônias de inauguração da nova Capital.

A voz de Jungo Coubeert enchou a recinto: "Declara instalados os nossos trabalhos nesta cidade de Brasília, Capital da República"

A primeira reunião do Congresso na nova Capital



Uma hora antes da cerimônia já era intenso o movimento do novo palácio do Legislativo. Centenas de pessoas invadiram as galerias e quando JK entrou, irromperam em cânticos: "Juscelino! Juscelino!" O Presidente, acompanhado de uma comissão de senadores, agradeceu levantando os braços.



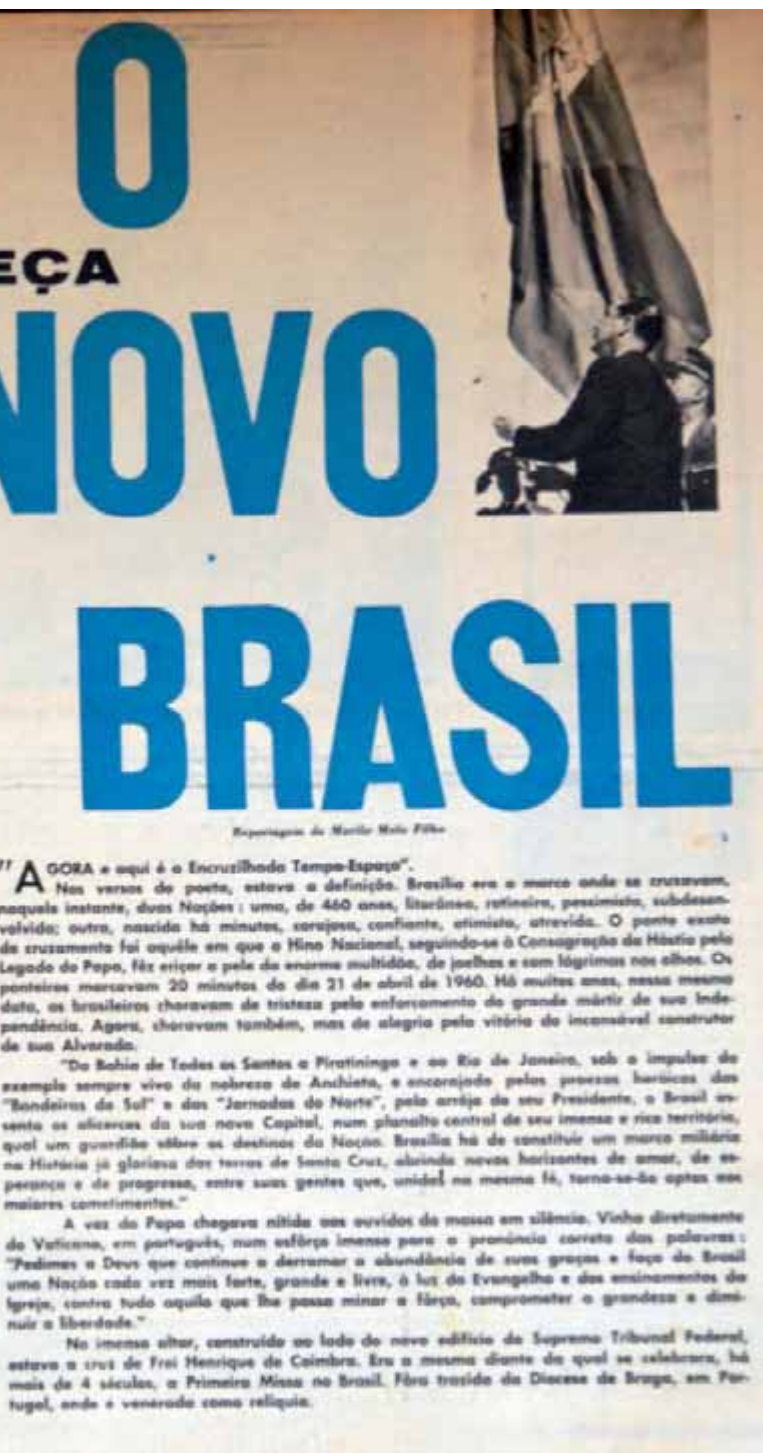
Manchete, n. 420, maio 1960

dos Estados Unidos do Brasil." Nas primeiras filas do plenário estavam os ministros, os governadores dos Estados e altas autoridades



Manchete, n. 420, maio 1960

A revista Manchete cobriu exaustivamente todas as solenidades de inauguração de Brasília.



ções sobre a “mecânica” de funcionamento do Legislativo, a não ser pela leitura do noticiário. Não imaginava, assim, como seria a cobertura de uma sessão, a começar pela quase nenhuma familiaridade quanto aos diferentes momentos da estrutura em plenário (expediente, ordem do dia, votação, líderes etc.) O bom é que a maioria esmagadora dos repórteres credenciados na Casa atuaram no Rio e foram transferidos com a mudança da Capital. Todos, portanto, habituados à rotina plenária, então no Palácio Tiradentes.

Novato no cenário, contei com a ajuda de muitos colegas, em especial da jornalista Leyla Rangel Castello Branco, que, além de repórter, era também servidora do Senado. De São Paulo, como eu, era também o repórter da *Folha*. Fiquei conhecendo também outros colegas, incumbidos da cobertura política, nada a ver com o registro da sessão plenária. Entre eles, Carlos Castello Branco e Fernando Lara Rezende, do *Jornal do Brasil*, Reinaldo Gonçalves Ribeiro, do extinto *Correio da Manhã*, e Marcos Faria, de *O Globo*.

A boa notícia, para mim, é claro, foi quando descobri que a *Taquigrafia* fornecia, ao Comitê de Imprensa, cópias dos pronunciamentos e os resultados das votações em plenário, quase em tempo real. Verdadeira *mão na roda* na hora de redigir o noticiário, com a seleção, para registro, dos fatos de maior relevância.

Faltavam-me dados sobre, por exemplo, a composição das bancadas, as atribuições dos líderes partidários, questões para mim estranhas, como também sobre *quorum* e outras atividades assemelhadas. Nenhum demérito. Afinal, os repórteres que tinham vindo de São Paulo eram habituados a outro cenário. Os colegas do Rio ironizavam – ou brincavam – afirmando que em São Paulo nada ocorria que merecesse destaque no noticiário nacional. “As coisas importantes acontecem somente no Congresso Nacional” – diziam.

O Congresso Nacional, a partir daquele ano, *já era Brasília*, onde, então, é que as coisas importantes passariam a acontecer. E assim tem sido. Com incrível velocidade, as duas Casas Legislativas assumiram toda a força da modernidade.

Isso era 1960. No começo, uma semana antes da inauguração, o choque diante do cerrado e sua vegetação retorcida. Tudo diferente do restante do Brasil, felizmente dando força ao Legislativo e ao Brasil para a renovação de costumes e métodos.